

Llanos, Bernardino de — *Égloga por la Llegada del Padre Antonio de Mendoza representada en el Colegio de San Ildefonso*. (Introducción, paleografía, versión rítmica y notas de José Quiñones Melgoza). México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1975 XXV + 17 + XXIX-XXXV p.

Nada há de extraordinário no fato de um poeta, em pleno século XVI, imitar os clássicos latinos. Normal também nos parece que surjam estudos e edições de documentos ou de composições poéticas inéditas, desde que provenham do Velho Mundo. Poucas vezes surge algum estudo mais apurado sobre obras renascentistas de autores do Novo Mundo, aqui nascidos ou radicados. Por isso, foi uma agradável surpresa o recebimento e a leitura do n.º 2 dos *Cuadernos del Centro de Estudios Clásicos*, do “Instituto de Investigaciones Filológicas” da Universidad Autónoma de México. Traz ele a edição crítica de uma égloga composta em latim clássico pelo padre jesuíta Bernardino de Llanos e cujo manuscrito, sob n.º 1631, faz parte do acervo da Biblioteca Nacional do México.

O opúsculo revela um trabalho consciencioso de seu editor — vamos chamá-lo assim — José Quiñones Melgoza, que revela amplo conhecimento dos clássicos latinos, condições sem dúvida fundamental para quem pretenda empreender semelhante tarefa. O plano seguido pelo Prof. Quiñones é claro e lógico.

Apresenta, primeiramente, os problemas do manuscrito, seu estado de conservação, datação, grafia, correção que se viu obrigado a fazer — erros evidentes do copista —, além das razões da escolha desta ou daquela leitura, tudo perfeitamente de acordo com as normas da edótica (p. XII) Não há referência a qualquer “stemma codicum”, o que faz supor haver apenas uma cópia.

Em seguida, em suscintas quatro páginas (VIII-XI), traça o perfil biográfico do autor da égloga, Bernardino de Llanos, sacerdote jesuíta, professor, orador, escritor e poeta da projeção em seu tempo. Arrola também, brevemente, suas obras, divididas em quatro grupos segundo o assunto: égloga, poemas diversos, arte poética e escritos de gramática, alguns com várias edições, além de algumas seletas. Pelo que diz o Prof. Quiñones e pelo que se pode deduzir de suas obras, trata-se de um autor espanhol de nascimento, mas totalmente mexicano de coração.

As páginas seguintes situam a égloga estudada no tempo e no espaço. Nesse particular, o título completo da composição já fornece dados esclarecedores: (*Écloga*) *pro patris Antonii de Mendoza adventu (facta) in collegio Divi Ildefonsi*. Ora, sabe-se que o Pe. Provincial Antônio de Mendoza chegou em 1584 e que o Colégio Santo Ildefonso foi fundado a 29 de julho de 1588. Daí conclui o editor que a égloga foi composta nesse período e sua apresentação efetiva deve ter-se dado por ocasião da partida do mesmo Provincial para Roma, em fins de 1590. O cenário é a capital da Nova Espanha, sua realidade física — natureza e topografia, e sua realidade moral — idiossincrasia e costumes.

O plano e a divisão da égloga constituem o conteúdo das páginas seguintes; mostra o editor que tudo se passa em dois planos: o mítico e o real. Embora se pretenda conservar a individualidade desses planos, eles se confundem muitas vezes; o próprio autor, referindo-se ao Pe. Provincial e a Dáfnis, os chama de *pastores gemini*, ainda que cada um conserve suas funções próprias. Dentro da linha clássica, Dáfnis constitui a personificação mítica do esperado Provincial. O manuscrito apresenta a égloga dividida em três partes, denominadas “cenas”; o Prof. José Quiñones, porém, julga que a composição tem, na realidade, quatro partes, já que a segunda contém dois assuntos separáveis.

Basicamente, a égloga consiste em diálogos, rezas, cantos, narrações e monólogos de um grupo de pastores que descansam à sombra dos salgueiros, à espera da vinda de Dáfnis, o pastor-modelo.

Nas páginas seguintes, dentro de sua concisão característica, o editor mostra, na égloga, motivos mexicanos como a paisagem, costumes, sentimentos, tudo embora no melhor estilo virgiliano. Calcula Quiñones que “60 ou 80% dos hexâmetros de Llanos sejam urdiduras daqui, dali ou de acolá sobre Virgílio, mas isso não tira nem audácia nem frescura ao capricho poético. “Mostra esse decalque em numerosos exemplos. Entretanto, o autor revela conhecer também as obras de Lucrécio, Horácio e Ovídio. Mesmo assim, Llanos cria algo novo com os elementos de que dispunha, dentro dos ditames do classicismo.

O texto latino com a tradução espanhola emparelhada estão nas páginas subseqüentes, enumeradas com algarismo arábicos. Consta de 468 hexâmetros, cujas principais dificuldades de construção, interpretação, figuras etc. são comentadas nas *Notas al Texto Latino* (p. XXIX-XXVII), seguidas das *Notas al Texto Español* (p. XXXI-XXVIV), onde se encontram explicações mitológicas, identificações geográficas, esclarecimentos sobre história, fauna e flora. Tais notas facilitam sobremodo a leitura e a compreensão do poema, mesmo aos leitores não habituados ao estilo e à temática de obras desse gênero.

Louvável, portanto, o trabalho do Prof. José Quiñones, que brinda assim os afixionados das letras clássicas com uma boa edição de uma peça clássica inédita, sem dúvida de valor, cuja leitura desperta ecos dos tempos em que se

decorava e declamava o saboroso *Beatus ille qui procul negotiis...* Pena que hoje seja tão reduzido o número de apreciadores, pelo menos entre nós, dessas jóias da literatura latina.

Bruno Fregni Bassetto

\* \*  
\*

FIPF (Fédération Internationale des Professeurs de Français) *Littératures de langue française hors de France. Anthologie Didactique*. Sèvres (França), 1976, 704 p.

Esta Antologia constitui o resultado de um árduo trabalho de discussão, planejamento e execução realizado, num período aproximado de cinco anos, por uma equipe internacional de professores e especialistas ligados à Federação Internacional dos Professores de Francês. O historial do empreendimento bem como suas causas, objetivos e características vêm expostos na Introdução assinada por L. Philippart, professor belga há pouco falecido e então presidente da referida entidade.

Trata-se ao mesmo tempo de um livro de leitura e de um instrumento de trabalho, que levará “as gerações emergentes a descobrirem tanto a unidade e plasticidade da língua francesa quanto a pluralidade e originalidade das culturas ilustradas pelas obras mais representativas destas literaturas.” (p. 7). Culturas as mais variadas pois, pela primeira vez, aborda-se o conjunto das literaturas de expressão francesa; o que vem de certo modo completar antologias anteriores, como a do poeta-presidente senegalense Léopold Sédar Senghor, de 1948, *Anthologie de la Nouvelle Poésie Noire de Langue Française*, prefaciada por Jean-Paul Sartre.

O público visado abrange, na França e em países de expressão francesa, estudantes e professores das Faculdades de Letras e das últimas séries da escola secundária. No caso dos demais países estrangeiros, os departamentos e centros de estudos franceses poderão tirar grande proveito desta publicação. Que deverá aliás interessar também a outros setores das ciências humanas assim como aos intelectuais de um modo geral. Para nosso Centro de Estudos Franceses, que pretende acrescentar as suas atividades cursos de literatura francesa não metropolitana, a Antologia da FIPF aparece desde já como uma preciosa fonte de documentação. Acreditamos que setores como as demais letras, a sociologia, os estudos africanos, árabes etc. venham igualmente a manuseá-la com interesse.

O volume de 704 páginas está dividido em 9 *seções*, assim distribuídas por ordem alfabética: I- *Africa Negra, Madagascar, Ilha Maurício*; II- *Antilhas*: